

Declaração de São Paulo

Convocados pelo Partido dos Trabalhadores (PT), reunimo-nos em São Paulo, Brasil, representantes de 48 organizações, partidos e frentes de esquerda da América Latina e do Caribe.

Inédito por sua amplitude política e pela participação das mais diversas correntes ideológicas da esquerda, o encontro reafirmou, na prática, a disposição das forças de esquerda, socialistas e anti-imperialistas do subcontinente para compartilhar análises e balanços de suas experiências e da situação mundial. Abrimos, assim, novos espaços para responder aos grandes desafios com os que se deparam hoje nossos povos e nossos ideais de esquerda, socialistas, democráticos, populares e anti-imperialistas.

No transcurso de um debate intenso, verdadeiramente franco, plural e democrático, tratamos alguns dos grandes problemas que nos são colocados. Analisamos a situação do sistema capitalista mundial e a ofensiva imperialista, recoberta por um discurso neoliberal, lançada contra nossos países e nossos povos. Avaliamos a crise da Europa Oriental e do modelo de transição ao socialismo lá imposto. Passamos revista pelas estratégias revolucionárias da esquerda desta parte do planeta, e dos desafios a ela apresentados pelo quadro internacional. Seguiremos adiante com estes e outros esforços unitários.

Este Encontro é um primeiro passo de identificação e aproximação aos problemas. Desenvolveremos um novo Encontro no México, onde continuaremos somando inteligências e vontades à análise permanente que iniciamos, aprofundaremos o debate e procuraremos avançar com propostas de unidade de ação consensuais na luta anti-imperialista e popular. Promoveremos também intercâmbios especializados em torno dos problemas econômicos, políticos, sociais e culturais que a esquerda continental enfrenta.

Constatamos que todas as nossas organizações da esquerda concebem que a sociedade justa, livre e soberana e o socialismo só podem surgir e se sustentar na vontade dos povos, entroncados com suas raízes históricas. Manifestamos, portanto, nossa vontade comum de renovar o pensamento de esquerda e o socialismo, de reafirmar o seu caráter emancipador, corrigir concepções errôneas, superar toda expressão de burocratismo e toda ausência

de uma verdadeira democracia social e de massas. Para nós, a sociedade livre, soberana e justa que almejamos e o socialismo não podem ser outra que a mais autêntica das democracias e a mais profunda das justiças para os povos. Rejeitamos, justamente por isso, toda pretensão de aproveitar a crise da Europa Oriental para encorajar a restauração capitalista, anular suas conquistas e direitos sociais ou alentar ilusões nas inexistentes bondades do liberalismo e do capitalismo.

Sabemos, pela experiência histórica da submissão aos regimes capitalistas e ao imperialismo, que as imperiosas carências e os mais graves problemas dos nossos povos têm suas raízes nesse sistema e que não encontraram solução nele, nem nos sistemas de democracias restringidas, tuteladas e até militarizadas que ele próprio impõe em muitos de nossos países. A saída que nossos povos desejam não pode ser alheia as profundas transformações impulsionadas pelas massas.

Nós, organizações políticas reunidas em São Paulo, encontramos um grande alento – para reafirmar nossas concepções e objetivos socialistas, anti-imperialistas e populares –no surgimento e desenvolvimento de vastas forças sociais, democráticas e populares no Continente que se opõem aos mandados do imperialismo e do capitalismo neoliberal, e à sua seqüela de sofrimento, miséria, atraso e opressão antidemocrática. Essa realidade confirma a esquerda e o socialismo como alternativas necessárias e emergentes.

A análise das políticas pró-imperialistas e neoliberais aplicadas pela maioria dos governos latino-americanos e seus trágicos resultados, assim como a revisão da recente proposta de “integração americana” formulada pelo presidente Bush para canalizar as relações de dominação dos EUA com a América Latina e o Caribe, reafirmam a nossa convicção de que não chegaremos a nada positivo por esse caminho.

A recente proposta do presidente norte-americano é uma receita já conhecida, mas adoçada para torná-la mais enganosa. Implica liquidar o patrimônio nacional através da privatização de empresas públicas estratégicas e rentáveis em troca de um irrisório fundo no qual os EUA contribuiriam com US\$ 100 milhões de dólares. Busca a ampliação permanente das nefastas “políticas

de ajuste” que levaram a níveis sem precedentes a deterioração da qualidade de vida dos latino-americanos, em troca de uma minúscula e condicionada redução da dívida externa oficial com o governo imperial. A oferta de reduzir a dívida oficial latino-americana com o governo dos Estados Unidos em apenas US\$ 7 bilhões não representa nada para uma América Latina cuja dívida externa total se eleva a mais de US\$ 430 bilhões, se incluirmos a dívida com os bancos comerciais e com os organismos multilaterais. Mais ainda, os US\$ 100 milhões de “subsídios” prometidos aos países que aplicarem reformas neoliberais não chegam nem a 0,5% dos US\$ 25 bilhões que a América Latina transferiu para o exterior só em 1989 em conceito de juros, amortizações e remissão de lucros do capital estrangeiro. O plano de Bush pretende abrir completamente nossas economias nacionais à desleal e desigual concorrência com o aparelho econômico imperialista, submeter-nos completamente à sua hegemonia e destruir nossas estruturas produtivas mediante nossa integração numa zona de livre comércio, hegemônica e organizada pelos interesses norte-americanos, enquanto eles mantêm uma Lei de Comércio Externo profundamente restritiva.

Desta forma, tais propostas são alheias aos genuínos interesses de desenvolvimento econômico e social da nossa região e combinam-se com a restrição das nossas soberanias nacionais e com o recorte e tutela de nossos direitos democráticos. Elas, na verdade, visam impedir uma integração autônoma da nossa América Latina dirigida a satisfazer as suas mais vitais necessidades.

Conhecemos a verdadeira face do Império. É a que se manifesta no implacável cerco e na renovada agressão contra Cuba e contra a Revolução Sandinista na Nicarágua, no aberto intervencionismo e apoio ao militarismo em El Salvador, na invasão e ocupação militar norte-americana do Panamá, nos projetos e passos já dados no sentido de militarizar zonas andinas da América do Sul por trás do pretexto de lutar contra o “narcoterrorismo”.

Por isso, reafirmamos nossa solidariedade com a revolução socialista de Cuba que defende firmemente a sua soberania e as suas conquistas; com a revolução popular sandinista que resiste às tentativas de desmontar o que já foi construído e reagrupa suas forças; com as forças democráticas, populares e revolucionárias salvadorenhas que impulsionam a desmilitarização e a solução

política para a guerra; com o povo panamenho – invadido e ocupado pelo imperialismo norte-americano, cuja retirada imediata exigimos – e com os povos andinos que enfrentam a pressão militarista do imperialismo.

Mas também definimos aqui, em contraposição com a proposta de integração sob o domínio imperialista, as bases de um novo conceito de unidade e integração continental. Nossa proposta passa pela reafirmação da soberania e autodeterminação da América Latina e das nossas nações, pela plena recuperação da nossa identidade cultural e histórica e pelo impulso à solidariedade internacionalista dos nossos povos. Ela supõe defender o patrimônio latino-americano, pôr fim à fuga e exportação de capitais do subcontinente, encarar conjunta e unitariamente o flagelo da impagável dívida externa, e adotar políticas econômicas em benefício das maiorias, capazes de combater a situação de miséria em que vivem milhões de latino-americanos. Ela exige, finalmente, um compromisso ativo com a vigência dos direitos humanos e com a democracia e a soberania popular como valores estratégicos, colocando as forças de esquerda, socialistas e progressistas frente aos desafios de renovar constantemente o seu pensamento e a sua ação.

Nesse marco renovamos hoje nossos projetos de esquerda e socialistas. Nossos compromissos são a conquista do pão, da beleza e da alegria, o afã de alcançar a soberania econômica e política dos nossos povos e a primazia de valores sociais, baseados na solidariedade. Declaramos a nossa plena confiança nos nossos povos, que mobilizados, organizados e conscientes gestarão, conquistarão e defenderão um poder que torne realidade a justiça, a democracia e a liberdade verdadeiras.

Aprendemos dos erros cometidos, assim como das vitórias. Armados de um inegociável compromisso com a verdade e com a causa dos nossos povos e nações, começamos a andar, certos de que o espaço que agora abrimos será preenchido com novos esforços de intercâmbio e de unidade de ação como alicerces de uma América Latina livre, justa e soberana.

São Paulo, Brasil, 4 de julho de 1990